

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

Atena
Editora

Ano 2020

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS
(ORGANIZADORES)

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 2 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-663-8

DOI 10.22533/at.ed.638200812

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. II**, coletânea de dezoito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse segundo volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários e estudos em música.

Estudos literários, com onze contribuições, traz análises sobre Bruno de Menezes, Clarice Lispector e Mário de Andrade, lírica na sala de aula, imigração e identidade japonesa e semiótica greimasiana. Além desses conteúdos, temos Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, José Régio, Jorge de Sena, Ruy Duarte de Carvalho e Jorge Barbosa.

Em estudos em música, com sete capítulos, são verificados estudos que versam sobre Villa-Lobos, Cornélio Pires, Mozart, a partir do seu concerto para piano. Além desses relevantes conteúdos, temos considerações sobre a prática coral, a musicoterapia e o kpop.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BRUNO DE MENEZES: VIVÊNCIAS E POÉTICAS	
Lorena Cácia de Jesus dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6382008121	
CAPÍTULO 2	14
O EMPODERAMENTO DAS MULHERES NOS ROMANCES DE CLARICE LISPECTOR	
Luana Munhoz Soriano Kubis Specht	
Rodrigo Augusto Kovalski	
DOI 10.22533/at.ed.6382008122	
CAPÍTULO 3	29
MÁRIO DE ANDRADE, INTÉRPRETE DO BRASIL: FICCIONALIZAÇÃO DO CANTADOR NORDESTINO	
Suéilton de Oliveira Silva Filho	
DOI 10.22533/at.ed.6382008123	
CAPÍTULO 4	40
ESTUDOS COMPARADOS: INCURSÕES DA POESIA LÍRICA EM SALA DE AULA	
Amanda Ramalho de Freitas Brito	
DOI 10.22533/at.ed.6382008124	
CAPÍTULO 5	50
HARU ET NATSU CARTAS PERDIDAS: IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE JAPONESA NO BRASIL	
Teresa Rinaldi	
DOI 10.22533/at.ed.6382008125	
CAPÍTULO 6	64
OS SENTIDOS DO CONTO “DIANTE DA LEI” NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA	
Karin Elizabeth Rees de Azevedo	
Cícero Freud Lacerda Leite	
DOI 10.22533/at.ed.6382008126	
CAPÍTULO 7	77
CARTA DE SÁ-CARNEIRO A PESSOA: A INSCRIÇÃO DO EU NO DISCURSO	
Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes	
Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.6382008127	
CAPÍTULO 8	92
LITERATURA E CINEMA: ENTRE O DESEJO DO INDIZÍVEL E A SEDUÇÃO DA	

IMAGEM EM VERGÍLIO FERREIRA

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes

DOI 10.22533/at.ed.6382008128

CAPÍTULO 9..... 101

O MITO DE NARCISO REVISITADO POR JOSÉ RÉGIO E JORGE DE SENA

Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.6382008129

CAPÍTULO 10..... 111

REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA EM LAVRA DE RUY DUARTE DE CARVALHO

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

DOI 10.22533/at.ed.63820081210

CAPÍTULO 11..... 122

O PAPEL DA SECA E DA PESCA DA BALEIA NA EMIGRAÇÃO CABO-VERDIANA PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

DOI 10.22533/at.ed.63820081211

CAPÍTULO 12..... 129

ATRAVESSANDO O SAMBA DO “ESTADO NOVO”: OUTROS CARNAVAIS

Adalberto Paranhos

DOI 10.22533/at.ed.63820081212

CAPÍTULO 13..... 143

O “SELO VERMELHO” DE CORNÉLIO PIRES: UMA PROPOSTA DE CATALOGAÇÃO

Carlos da Veiga Feitoza

DOI 10.22533/at.ed.63820081213

CAPÍTULO 14..... 160

ANÁLISE CRÍTICA DO CONCERTO PARA PIANO EM DÓ MENOR KV 491 DE W. A. MOZART

Angélica María Sánchez Bonilla

DOI 10.22533/at.ed.63820081214

CAPÍTULO 15..... 176

O BINÔMIO PENSAMENTO-INTELIGÊNCIA NAS NEUROCIÊNCIAS PASSANDO PELA TEORIA DA INTELIGÊNCIA MULTIFOCAL: UM PEQUENO CASO DE PRÁTICA CORAL

Edson Hansen Sant'Ana

DOI 10.22533/at.ed.63820081215

CAPÍTULO 16.....	211
“A MÚSICA NUNCA PAROU”: PASSAGENS ENTRE ENSAIO, OBRA FÍLMICA E MUSICOTERAPIA	
Ana Maria de Barros	
Ana Maria Martins Alves Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.63820081216	
CAPÍTULO 17.....	225
O QUE CANTAM AS MULHERES EM TRATAMENTO DE INFERTILIDADE ACOMPANHADAS EM MUSICOTERAPIA?	
Eliamar Aparcida de Barros Fleury	
Mário Silva Approbato	
Maria Alves Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.63820081217	
CAPÍTULO 18.....	233
ENTENDENDO KPOP: PADRÕES MUSICAIS A PARTIR DO MODELO BENNETT	
Helena Spiassi Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63820081218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	238
ÍNDICE REMISSIVO.....	240

ATRAVESSANDO O SAMBA DO “ESTADO NOVO”: OUTROS CARNAVAIS

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 06/10/2020

Adalberto Paranhos

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Instituto de Ciências Sociais e Programa de
Pós-graduação em História
Uberlândia – MG
Pesquisador do CNPq
<http://lattes.cnpq.br/9172103976395213>

Palestra pronunciada em 15 de maio de 2019 no Simpósio Villa-Lobos e o Carnaval, no Museu Villa-Lobos, no Rio de Janeiro, durante a 17ª Semana Nacional de Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Nela apresento uma breve síntese de minhas pesquisas e reflexões sobre as relações entre o “Estado Novo” e o mundo do samba.

RESUMO: Quando se vê o mundo pelos olhos da cartilha ideológica do “Estado Novo”, tudo se passa como se, por encanto, o reino da justiça social houvesse baixado dos céus à terra graças à obra providencial do ditador Getúlio Vargas. Como os agentes estatais teriam, supostamente, banido a luta de classes, todos eram convocados a se irmanar, num ambiente de congraçamento e de conciliação social. Ideólogos e artistas, em determinados casos, se deram as mãos para entoar juras de amor à pátria e ao chefe da nação. Entre eles, o maestro Heitor Villa-Lobos puxava o coro da celebração do novo regime. Nem tudo, porém, foram flores em tempos de “Brasil grande”. Por mais que os defensores

do governo estado-novista insistissem em bater na tecla de uma espécie de samba de uma nota só, configurando um pretense coro da unanimidade nacional, vozes destoantes também se manifestaram em meio à repressão generalizada. E elas se fizeram ouvir inclusive em momentos festivos, atravessando, de certo modo, o samba do “Estado Novo” em pleno carnaval. De uma maneira ou de outra, como se percebe em muitas composições carnavalescas, elas chegaram a traçar linhas de fuga em relação ao discurso estatal. Faces contrastantes, menos risonhas e menos róseas, da realidade daquela época emergiram, então, compondo uma polifonia que mostra, uma vez mais, que nenhuma sociedade disciplinar reúne condições suficientes para silenciar ou abafar por inteiro as falas dissonantes. Nessas circunstâncias, a ideologia do trabalhismo orquestrada pela ditadura estado-novista não logrou transformar todos os sambistas em correias de transmissão ou câmaras de eco dos valores por ela incensados. O mundo da folia que o diga.

PALAVRAS-CHAVE: Sambas carnavalescos, Estado Novo, Heitor Villa-Lobos, conciliação nacional, vozes destoantes.

OUT OF TUNE WITH THE “ESTADO NOVO” SAMBA: OTHER CARNAVALS

ABSTRACT: When one sees the world through the eyes of ‘Estado Novo’s’ ideological primer, everything looks as if, by magic, the kingdom of social justice had descended from heaven to Earth thanks to the providential work of dictator Getúlio Vargas. As State agents had supposedly banned class struggle, everyone was summoned

to come together, in an atmosphere of harmony and social conciliation. Ideologues and artists, in certain occasions, joined hands to chant pledges of love for their motherland and the head of the nation. Among them, conductor Heitor Villa-Lobos led the choir in celebrating the new regimen. However, not everything was flowers in times of 'great Brazil.' As much as the supporters of the 'Estado Novo' administration insisted on hitting the key of a single note samba, making up an alleged chorus of national unanimity, dissonant voices also expressed themselves amid widespread repression. They made themselves heard even in festive moments, out of tune, so to speak, with the 'Estado Novo's' samba at the height of carnival. In one way or another, as seen in many carnival songs, they even trace lines of escape from the State discourse. Contrasting faces, less smiling and less rosy, of the reality of that time then emerged to compose a polyphony that shows, once again, that no disciplinary society has enough conditions to silence or stifle out dissonant words. In these circumstances, the ideology of labor orchestrated by the 'Estado-Novo' dictatorship did not succeed in transforming all samba composers into transmission belts or echo chambers of the values it incensed. The world of revelry is its witness.

KEYWORDS: Carnival sambas, Estado Novo, Heitor Villa-Lobos, national conciliation, dissonant voices.

No mundo ideal, plasmado pelos ideólogos da ditadura estado-novista, não haveria lugar para a expressão de descontentamentos sociais e das lutas de classe. Expurgados, em tese, todos os antagonismos, enfim se daria passagem à pacificação da sociedade brasileira, que possibilitaria sua decolagem rumo ao futuro promissor pelo qual, de há muito, todos ansiariam.

Personagem ímpar da cena artística nacional, cuja fama já transbordara as fronteiras do país, Heitor Villa-Lobos, músico, compositor e regente, puxava o coro da "unanimidade nacional" em torno do "Estado Novo" e de seu chefe. Autor, entre outras peças de exaltação ao regime, da "Saudação a Getúlio Vargas", composta em 1938, o maestro empunhava a bandeira do canto coral.

Defensor, ao lado de outros músicos modernistas, de uma proposta musical nacionalista, sob a capa protetora do Estado, ele concebia o canto orfeônico como uma arma de combate ao individualismo. A seu ver, a música deveria exteriorizar a conciliação das classes sociais, funcionando como uma alavanca poderosa para a promoção da integração social e política sob a batuta estatal. Daí a importância que atribuía à prática do canto coral: ao entoarem, irmanados, as composições de celebração à disciplina e ao civismo, seus integrantes faziam juras de amor à pátria. Pátria que, segundo Villa-Lobos, necessitava do trabalho disciplinado, em um clima de ordem, para dar passos seguros rumo ao progresso.

Nessa utópica sociedade disciplinada, como frisa José Miguel Wisnik (1983, p. 189), "o projeto do canto orfeônico quer fazer com que o corpo social se exprima, desde que não faça valer seus direitos, mas que se submeta ao culto e às ordens

de um chefe”.¹ A música como elemento de coesão social não foi, por isso mesmo, ignorada pelos governantes. Pelo contrário, o canto coral se revestiu de inegável significado em grandiosos espetáculos cívico-artísticos realizados sob a égide do “Estado Novo”, como uma transfiguração material da ideologia que o movia. Mais do que nunca, era preciso enaltecer as novas realidades, as virtudes e as virtualidades do Brasil e do governo Vargas. Novos tons iam para o ar anunciando a pretensa harmonia social e o suposto conagraçamento da nação com o Estado.

Esses cânticos de louvor ao “Estado Novo” se afinavam à perfeição com as concepções difundidas por ideólogos de proa daquela época, como Francisco Campos, Azevedo Amaral, Oliveira Vianna, Cassiano Ricardo e outros mais que integravam a coorte dos formuladores do que se designou como ideologia de Estado.² Eles anunciavam novos tempos que deveriam contagiar todos os setores da vida nacional, inclusive o da música popular. Esta, em particular o samba, permanecia sob a alça de mira do Estado, quando mais não fosse, pelos estreitos nós que, historicamente, a prendiam à malandragem.³ Num período de valorização dos sambas-exaltação, não era mais admissível – seja do ponto de vista governamental ou, na outra ponta da gangorra, na opinião de determinados compositores populares – que o samba continuasse a fazer o elogio escancarado ao ócio, ao não trabalho. Tornava-se necessário, nessa linha de pensamento, injetar “civilidade” a esse gênero musical, depurando-o, procedendo, assim, a uma higienização ou saneamento temático. Afinal, ele ainda era visto, até certo ponto, como “coisa de negros e de vagabundos”, por mais que recebesse, sobretudo a partir dos anos 1930, a adesão entusiástica, no seu processo de produção e de difusão, de pessoas saídas das classes médias.⁴

Nesse contexto, o carnaval deveria ser, o mais possível, disciplinado, regido por normas comportamentais pautadas em princípios sádios. Era de se esperar, portanto, que os carnavais do “Estado Novo” assumissem outra feição e que, naquilo que, aqui, me interessa mais de perto, as canções que o embalavam espelhassem, de um modo ou de outro, o novo Brasil que, por suposição, teria despontado no horizonte com a instauração do regime estado-novista. Este seria a bússola segura para a criação cultural em geral e, mais especificamente, para barrar a avalanche de sambas que exaltavam os malandros e a malandragem.

1 Estas considerações iniciais se baseiam em WISNICK (1983, p. 178-190) e em CONTIER (1988, cap. III). Sobre o assunto, ver ainda trabalho recente, da maior relevância, calcado em pesquisa de fôlego no acervo do Museu Villa-Lobos: RODRIGUES (2019, cap. 3).

2 Sobre as linhas mestras dessa ideologia, ver PARANHOS (2007, cap. I).

3 Sobre as relações viscerais que uniam o samba e a malandragem, ver VASCONCELLOS e SUZUKI JR. (1984).

4 Tais questões são examinadas por mim, de maneira mais extensa e fundamentada, em PARANHOS (2016, caps. II e III).

1 | ENTRE O BATENTE E A BATUCADA

Quando se examina a produção historiográfica acerca do “Estado Novo”, paira muitas vezes a impressão de que, com o seu advento, tudo se modificou. Nela predominam o abafamento, o silenciamento de vozes discordantes da política estatal, bem como a sua assimilação aos objetivos da ditadura, que, ao se apropriar do samba como símbolo nacional, o teria despojado de seu conteúdo crítico.⁵

Ao se analisarem as gravações que se sucederam entre 1937 e 1939, antes, portanto, da entrada em ação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) – o que, obviamente, não significa desconhecer a existência de uma censura ditatorial pré-dezembro de 1939, data da instituição daquele órgão –, torna-se evidente que o trabalho continuava a sofrer, em vários sambas, uma crítica ardida. Uma trabalhadora, na pele da “fuzarqueira” Aracy de Almeida, não tinha por que se orgulhar de sua condição. No samba “Tenha pena de mim”, a esperança dessa mulher parecia projetar-se em direção ao além. Sua vida, um rosário de ais, ela ia desafiando como se fora a encarnação de uma maria das dores:

Ai, ai, meu Deus
Tenha pena de mim!
Todos vivem muito bem
Só eu que vivo assim
Trabalho, não tenho nada
Não saio do miserê
Ai, ai, meu Deus
Isso é pra lá de sofrer

Sem nunca ter
Nem conhecer felicidade
Sem um afeto
Um carinho ou amizade
Eu vivo tão tristonha
Fingindo-me contente
Tenho feito força
Pra viver honestamente [...]

“Tenha pena de mim” tem muito de esclarecedor sobre como muitas letras de samba estão impregnadas de experiência vivida. Feito a quatro mãos, por um compositor da Vila Isabel, Ciro de Souza, e o então desconhecido Babaú (Valdomiro José da Rocha), a quem coube dar o pontapé inicial da composição, a recepção

⁵ Ver, a propósito, PARANHOS (2007, p. 207-214, e 2016, p. 111-115).

popular alcançada, em especial no Rio de Janeiro, foi consagradora, como recorda Edigar de Alencar ao referir-se ao “samba que seria o vitorioso do ano” (ALENCAR, 1980, p. 265)⁶ no primeiro carnaval sob o “Estado Novo”. Aracy de Almeida, por sua vez, admite que “Tenha pena de mim” foi o primeiro sucesso que a elevou ao *status* de uma cantora de grande popularidade.⁷

Mas quem era o crioulo do morro que atendia pelo apelido de Babaú? Ninguém mais que um humilde empregado de uma birosca fincada no alto da Mangueira, que um dia se encheu de coragem e resolveu mostrar a Ciro de Souza um samba que começara a esboçar. Detalhe: o nome original da composição foi alterado, pois a censura costumava vetar o emprego da palavra Deus nos títulos das músicas. Com Deus ou sem Deus, “Tenha pena de mim” seguiu sua trilha rumo ao sucesso, estabelecendo, como se pode imaginar, uma profunda relação de empatia com a massa da população trabalhadora/sofredora e convertendo-se, momentaneamente, numa espécie de hino dos escanteados.

Paralelamente, Orlando Silva emplacou outro destaque do carnaval de 1938, o samba “Abre a janela”. Sem desfazer do seu amor pela bem-amada, o eu lírico declarava que a sedução exercida pela orgia⁸ era irresistível:

Abre a janela, formosa mulher
E vem dizer adeus a quem te adora
Apesar de te amar como sempre amei
Na hora da orgia eu vou embora

Vou partir e tu tens que me dar perdão
Porque fica contigo meu coração
Podes crer que acabando a orgia
Voltarei para tua companhia

Para incômodo de uns e outros, a orgia, associada à população, insistia, pois, em frequentar o repertório das canções da década de 1930. Duas legendas do Estácio de Sá, Bide e Marçal, retomavam o tema em “Ando na orgia”, em 1938. Mas a composição mais emblemática de que, a despeito da função tutelar assumida pelo “Estado Novo” na sua “proteção” aos pobres, muita coisa prosseguia malparada, é “O trabalho me deu o bolo”, cantada por um dos ícones da malandragem, Moreira da Silva. Gravada originalmente em 1937, ela seria regravada em 1939, de olho no carnaval de 1940. O repúdio ao trabalho, aqui, anda de par com a glorificação da

6 A confirmação desse êxito consta também em SEVERIANO e MELLO (1998, p. 169), que fornecem mais informações sobre a criação dessa canção.

7 Ouvir seu depoimento no CD *Aracy de Almeida* (2001).

8 Ressalve-se que orgia, festa regada a música e bebida, não tinha, na época, a conotação sexual de bacanal ou suruba.

orgia por um trabalhador escaldado pela experiência do batente:

Enquanto eu viver na orgia
Não quero mais trabalhar
Trabalho não é pra mim
Ora, deixa quem quiser falar
Eu fui trabalhar
O trabalho estava cruel
Eu disse ao patrão:
Senhor, me dá o meu chapéu
Eu não quero trabalhar
Trabalho vá pro inferno
Se não fosse a minha nega
Nunca que eu botava um terno

Posto na encruzilhada, entre o batente e a batucada, a escolha recaía sobre a batucada. Era ela, em 1939, que definia, no selo do disco, o gênero dessa canção. E o arranjo para a Orquestra Odeon, concebido, com toques de sofisticação, pelo maestro Simon Bountman, não abafava, antes deixava fluir, o ronco da batucada, como que a sacramentar musicalmente a letra de “O trabalho me deu o bolo”.

2 | OS DESAFINADOS EM PLENO IMPÉRIO DO DIP

Com o surgimento do DIP, a cruzada antimalandragem foi redobrada: apertaram-se os nós da camisa de força imposta aos compositores.⁹ Estes foram, por assim dizer, sitiados pelas forças conservadoras à frente do governo Vargas: seja prodigalizando favores, seja por intermédio da repressão e/ou da censura, tentou-se a qualquer custo, atraí-los para a órbita do oficialismo.

Aparentemente, o esforço governamental foi bem-sucedido. Muitos músicos populares morderam a isca. Mas teriam, de fato, sido bloqueados todos os canais por onde pudessem se insinuar vozes destoantes, discursos alternativos e, eventualmente, até contradiscursos? Depois de uma escuta atenta de centenas e centenas de fonogramas originais de discos 78 rpm gravados e/ou lançados entre 1940 e 1945, sob o império do DIP, concluí que as afirmações taxativas sobre o monopólio do poder estatal precisam ser revistas. Quando está em pauta a dominação ou hegemonia cultural, convém lembrar os ensinamentos de Thompson (1998, p. 17), que já salientou que “na verdade o próprio termo ‘cultura’, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais

⁹ Sobre a tesoura afiada do DIP e a ação do seu poder censório na área musical, ver PARANHOS (2016, p. 107-111).

e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro de um conjunto”. E essas fraturas, como se fossem fissuras sobre uma superfície plana, se manifestaram sob o “Estado Novo”, por mais que ele buscasse obturá-las.

Se, de um lado, houve um elevado número de composições e compositores populares afinados com o regime e a valorização do trabalho¹⁰, de outro despontaram, como uma “segunda voz”, canções (sambas em sua maioria) que traçaram linhas de fuga em relação à “palavra estatal”. Nelas circularam socialmente imagens e concepções que acionaram e puseram em movimento outros valores. Desse modo, ao intervir discursivamente nas questões ligadas ao mundo do trabalho, a área da música popular não se resumiu a mera caixa de ressonância do discurso hegemônico. A partir daí, ficam, no mínimo, abaladas umas tantas crenças generalizadas que perduram acerca das relações entre Estado e música popular sob o “Estado Novo”.¹¹

Muitos seriam os exemplos disponíveis para atestar a procedência destas observações.¹² Por razões ditadas pelas limitações de espaço, aqui, e considerada a temática privilegiada neste pequeno texto destituído de maiores pretensões, vou me ater a um caso por demais eloquente, o do samba “Oh! Seu Oscar”, estrondoso sucesso no carnaval de 1940. Nele o que se relata é que alguma coisa está fora da ordem habitual. Seu Oscar, trabalhador braçal, descreve seu melodrama:

Cheguei cansado do trabalho
Logo a vizinha me falou
Oh! Seu Oscar, tá fazendo meia hora
Que tua mulher foi-se embora
E um bilhete deixou
O bilhete assim dizia:
Não posso mais
Eu quero é viver na orgia!

Fiz tudo para ver seu bem-estar
Até no cais do porto eu fui parar
Martirizando o meu corpo noite e dia
Mas tudo em vão, ela é da orgia
[brequete: É, parei]

10 Quem se ocupa delas, sobretudo, é PEDRO (1980), Antonio (Tota). Tota apresenta um apêndice, às p. 105-144, que reúne letras de sambas e marchas que visam ilustrar sua dissertação. Outro pesquisador que se reporta, num capítulo de seu livro, a letras de canções gravadas entre 1937 e 1945 é SEVERIANO (1983).

11 Sem meias-palavras, Sergio Cabral (1975, p. 40 e 41) assegurou que até a entrada do Brasil na guerra o regime estado-novista “tinha absoluto controle da música popular brasileira e de qualquer tipo de manifestação a ela relacionada”. Num texto que se tornou célebre nos meios acadêmicos, onde continua ecoando até hoje, essa visão unívoca deu origem ou simplesmente reforçou alguns mal-entendidos que cercam o assunto. Na esteira dele, por exemplo, Angela de Castro Gomes (1982, p. 159) chega ao ponto de afirmar que “o DIP tinha um controle absoluto sobre tudo o que se relacionava à música popular”.

12 Ver outros exemplos em PARANHOS (2026, p. 115-137).

Seu Oscar, estivador, com seus braços de carvalho, suportara por sua mulher uma pesada carga de sacrifícios. Inutilmente. Em vista disso, o que, logo de cara, chama a atenção é que, a exemplo do que ocorria em muitos sambas¹³, o trabalho é vinculado a martírio, a mortificação do corpo, enfim, às asperezas do dia a dia, em completo descompasso com a ladainha trabalhista. Não era encarado, em geral, como a senha que forneceria a chave de acesso à ascensão social, à prosperidade, tão decantada na propaganda oficial como a recompensa pelo alistamento no exército de trabalhadores. Mais ainda: o trabalhador, em “Oh! Seu Oscar”, é indiretamente convertido em otário, dando duro no batente ao mesmo tempo em que sua mulher corre para a orgia. Sintomaticamente, o título original dessa composição, que despertou reações moralistas, era “Ela é da orgia”.¹⁴

Detalhe relevante que sugere uma relativa reapropriação do sentido dessa canção: é significativa a reiteração da palavra orgia na gravação de “Oh! Seu Oscar”. Ela aparece não menos do que nove vezes. Seus versos-chave (“Não posso mais/ eu quero é viver na orgia”) se repetem sete vezes, inclusive no final. Se, graças à dubiedade da sua letra (afinal, ela fala de um trabalhador, e não de um malandro), “Oh! Seu Oscar” pôde levantar o primeiro prêmio, na categoria samba, do concurso carnavalesco promovido pelo DIP em 1940, tudo indica que, no calor do carnaval, os foliões se empolgaram com os versos que glorificavam a orgia. Entre identificar-se com as desventuras do trabalhador ordeiro e sofredor ou com as aventuras da mulher pândega, aqueles que pulavam mais um carnaval sob o “Estado Novo” não devem ter tido maiores dificuldades em fazer sua opção.

Novamente se cavava uma distância considerável entre o discurso governamental e os comportamentos referidos nas canções populares. De um lado, artigos inseridos no *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (BMTIC)* realimentavam uma concepção tradicional ao enaltecer a mulher e enquadrá-la no seu “devido lugar”, como braço auxiliar do chefe de família.¹⁵ Nesses termos, o ministro do Trabalho Marcondes Filho derramava copiosos elogios sobre a “senhora do lar proletário” e evocava imagens historicamente ligadas à mulher dona de casa: maternidade, prole, berços.¹⁶ Mulher, lar, esposa, mãe e doçura formariam um composto especial que resultaria na “divina fraqueza das mulheres”.¹⁷

De outro lado, em “Oh! Seu Oscar”, a representação das relações de gênero escapa da ótica da vitimização das mulheres. Concebê-las exclusivamente como

13 Como “Acertei no milhar”, “Inimigo do batente”, “Não admito”, “No lescó-lescó” e “Sete e meia da manhã”.

14 Em um diário-romance o escritor Marques Rebelo (2002, p. 179) recorda que a vingança popular contra o moralismo se expressou na consagração desse samba durante o carnaval de 1940.

15 Eu abordo esse tema, tomando como referência o *BMTIC*, em *PARANHOS* (2007, p. 160- 161).

16 Ver a palestra “A senhora do lar proletário”, irradiada em 1942 na “Hora do Brasil” (MARCONDES FILHO, 1943, p. 51-55).

17 Fala do titular da pasta do Trabalho, em 2 de outubro 1942, na solenidade de fundação da Legião Brasileira de Assistência (MARCONDES FILHO, 1942, s./n).

vítimas indefesas de uma sociedade machista, rebaixando-as a pobres coitadas, meras “amélias”, resignadas a “padecer no paraíso”, seria uma imagem unilateral, desfocada. Ao ajustarmos as lentes para enxergar melhor, por intermédio das canções, a realidade social em movimento, elas emergem como pessoas que também podem quebrar algumas cadeias dos padrões de conduta instituídos. E não se trata de um caso isolado: muitas outras mulheres são mencionadas em diversas composições por trocarem as prendas domésticas pela gandaia. Isso, por vezes, precipitava no ridículo a figura do malandro regenerado ou, como queira, do trabalhador traído. Em “Madalena”, o chefe da casa parece haver perdido as rédeas:

Madalena, você foi ao samba
Sem me avisar
Parece incrível, mulher
Você não tem pensar
Veja se isso é hora
O sol já está de fora
Vou para o trabalho
E você no samba até agora
[...]

Essas mulheres “do barulho” ou “do balacobaco”¹⁸, conforme a gíria da época, infelicitavam a vida de seus parceiros e os irritavam a mais não poder, como se nota em “Acabou a sopa”. Censuradas por seus companheiros como “loucas pela boemia”¹⁹, nem por isso elas se enquadravam nos moldes do figurino estado-novista²⁰: “louca pela boemia, me abandonou/ e meu castelo dourado se desmoronou”.

No mesmo estilo e no mesmo tom, Arnaldo Paes canta em “Samba de 42”, ao som de uma batucada de carnaval:

[...]

Emília já não quer fazer mais nada
Diz que vai pra batucada
[...]

Emília diz que não é mais aquela

18 A palavra balacobaco (ou, segundo o gosto do freguês, balacubaco) está hoje dicionarizada com a acepção, entre outras, de “festa, farra”, ou para nomear quem “gosta de festas, de farras, farrista” (DICIONÁRIO HOUAISS, 2009, p. 382).

19 Ouvir “Louca pela boemia”.

20 Sobre as discussões em torno do Estatuto da Família e as propostas chanceladas pelo Ministério da Educação e Saúde, sob o comando de Gustavo Capanema, ver SCHWARTZMAN, BOMENY e COSTA (2000, p. 123-139) e CAULFIELD (2000, p. 337-339).

Que não lava mais panela
Diz que vai viver sambando
Ih! Ih! Emília enlouqueceu
Saiu gritando:
Quem não pode mais sou eu!

Em tempo: “Samba de 42” se contrapunha, deliberadamente, a “Emília”, uma celebração da mulher de mil e uma utilidades domésticas. Nessa sua reencarnação, ela acertava as conas com o passado e caía na folia.

3 I DEVAGAR COM O ANDOR OU PARA ALÉM DA DOMINAÇÃO ABSOLUTA

Disso tudo sobra a conclusão de que o círculo de ferro que o regime estado-novista tentou impor a fim de modelar os comportamentos dos seus “súditos” frequentemente não foi bem-sucedido. A realidade social, com toda a sua teia de relações complexas, muitas delas indesejáveis, fugia, sob vários aspectos, por entre os dedos dos governantes e de distintos grupos e classes sociais comprometidos com a perpetuação de determinados modelos comportamentais.

Ora, é necessário, então, ir devagar com o andor. Para além do “coro da unanimidade nacional” perseguido por Heitor Villa-Lobos e outros mais, a dissonância, por vias diretas ou oblíquas, compareceu ao encontro marcado com o “Estado Novo”, inclusive nos festejos de Momo. Daí se depreende que qualquer domínio, por mais despótico e ditatorial que venha a ser, inscreve-se inevitavelmente num campo de concorrências ou em “campos de lutas”, tensionado por forças diferentes e desiguais, tema caro a Bourdieu.²¹ Mesmo um autor como Foucault, ao investigar a formação de uma “sociedade disciplinar”, faz questão de assinalar que a conversão de uma sociedade num imenso panóptico – por obra e graça de uma tecnologia política especialíssima – não passa, no final das contas, de uma ambição ou de um projeto ideal de um diagrama de poder.²²

No tabuleiro político, as peças não se distribuem conforme posições prefixadas e imóveis. Em vez de ocuparem compartimentos estanques, os atores sociais – por meio de imposições, negociações, assimilações, rejeições e redefinições – estão permanentemente em interação²³, influenciando uns sobre os outros, embora disponham de reservas de poder assimétricas. Não se têm, de um lado, os dominantes

21 Sobre o funcionamento dos campos como “campos de lutas” e a crítica às “instituições totalitárias” como estados-limite jamais atingidos, ver BOURDIEU (2002, cap. IV).

22 Sobre tecnologias disciplinares e o “panoptismo”, ver FOUCAULT (1977, 3. parte, cap. III).

23 Noutro contexto, Edward Said (1999, p. 248), ao escrever sobre resistência e oposição, ressalta que a interação está umbilicalmente atada às relações de dominação, a exemplo do que se verifica na “experiência de interação que une imperializadores e imperializados”.

impermeáveis às pressões que vêm de baixo e, de outro, os dominados que ou só aceitam ou só resistem à dominação imposta de cima para baixo. A realidade, cortada e entrecortada por contradições que a atravessam de ponta a ponta, é algo mais complexo. A tal ponto que as próprias práticas e concepções hegemônicas são submetidas a reapropriações e ressignificações pelas classes dominadas.²⁴

Nessa linha de pensamento, na cadência das composições destinadas a animar os carnavais em pleno “Estado Novo”, foi possível, apesar das engrenagens do poder estatal e da ordem social estabelecida, captar vozes que desafinaram o “coro dos contentes”. Isso equivale, em síntese, a uma amostragem dos desenredos do enredo ideológico estado-novista. Essa história de encontros e desencontros não parou, obviamente por aí. Mal findara o “Estado Novo”, com a deposição de Getúlio Vargas, o carnaval carioca de 1946 como que promoveria, metaforicamente, um ajuste de contas com a ideologia do trabalhismo que fora propagada pelos quatro cantos da sociedade brasileira. O samba “Trabalhar, eu não”²⁵ eletrizou multidões. A repulsa ao trabalho e à exploração do trabalhador atingia alto e bom som:

Quem quiser subir o morro
Venha apreciar a nossa união
Trabalho, não tenho nada
De fome não morro, não
Trabalhar, eu não, eu não!

Eu trabalhei como um louco
Até fiz calo na mão
O meu patrão ficou rico
E eu pobre sem tostão
Foi por isso que agora
Eu mudei de opinião
Trabalhar, eu não, eu não!
Trabalhar, eu não, eu não!

Seu autor era Almeidinha, que ajudara a fundar o bloco Paraíso das Morenas, do Estácio de Sá, reduto de bambas e do moderno samba urbano do Rio de Janeiro.

²⁴ Ver, a propósito, WILLIAMS (1969, conclusões).

²⁵ Muitos fatos inusitados cercaram esse samba e sua gravação, que, ao que consta, deveria ser registrada por Onéssimo Gomes e não por Joel de Almeida. Este, porém, não confirma tal informação. Ouvir seu depoimento no CD *Joel de Almeida* (2001). Ver ainda SEVERIANO e MELLO (1998, p. 247 e 248) e CABRAL (1996, p. 91).

É essa canção caiu no gosto/goto popular, sendo cantada entusiasticamente pelos foliões antes de ser gravada (o que se verificou somente após o carnaval). Mais: ela foi entoada pelos trabalhadores do porto de Santos durante uma greve, em 1946, quando de seu enfrentamento com a “polícia democrática” do governo Dutra. Até que ponto teria sido em vão que, durante anos a fio, os ideólogos estado-novistas, em sintonia com os interesses das classes dominantes, bateram, de forma monocórdia, na tecla que insistia no caráter humanizante e regenerador do trabalho? Seja qual for a resposta a esta pergunta, o que fica claro é que, no campo artístico, os sambistas não eram simples câmaras de eco da palavra estatal. O todo-poderoso “Estado Novo” punha à mostra limites que não conseguira transpor.

REFERÊNCIAS

ALENCAR Edigar de. **O carnaval carioca através da música**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CABRAL, Sergio. Getúlio Vargas e a música popular brasileira. **Ensaios de Opinião**, Rio de Janeiro, n. 2 + 1, 1975.

_____. **A MPB na era do rádio**. São Paulo: Moderna, 1996.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

CONTIER, Arnaldo Daraya. **Brasil novo: música, nação e modernidade – os anos 20 e 30**. Tese (Livre-docência em História) – USP, São Paulo, 1988.

DICIONÁRIO HOUAISS da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977.

GOMES, Angela Maria de Castro. A construção do homem novo: o trabalhador brasileiro. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Angela Maria de Castro. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARCONDES FILHO. Discurso no **Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio**, Rio de Janeiro, n. 98, out. 1942.

_____. **Trabalhadores do Brasil!** Rio de Janeiro: Revista Judiciária, 1943.

PARANHOS, Adalberto. **O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”**. São Paulo: CNPq/Fapemig/Intermeios, 2016.

PEDRO, Antonio (Tota). **Samba da legitimidade**. Dissertação (Mestrado em História) – USP, São Paulo, 1980.

REBELO, Marques. **A mudança**, 2. tomo de O espelho partido. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

RODRIGUES, Pedro Henrique Belchior. **“Sou o maestro do mundo”: Heitor Villa-Lobos e a difusão da música brasileira no exterior (1923-1959)**. Tese (Doutorado em História) – UFF, Niterói, 2019.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Editora FGV, 2000.

SEVERIANO, Jairo. **Getúlio Vargas e a música popular**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

SEVERIANO, Jairo e MELLO, Zuza Homem de. **A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras – v. 1: 1901-1957**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1998.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELLOS, Gilberto e SUZUKI JR., Matinas. A malandragem e a formação da música popular brasileira. In: FAUSTO, Boris (dir.). **História geral da civilização brasileira – III – O Brasil republicano (Economia e cultura – 1930-1964)**. São Paulo: Difel, 1984.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WISNIK, José Miguel. Getúlio da Paixão Cearense: Villa-Lobos e o Estado Novo. In: SQUEFF, Enio e WISNIK, José Miguel. **O nacional e o popular na cultura brasileira – Música**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

“Abre a janela” (Arlindo Marques Jr. e Roberto Roberti), Orlando Silva. 78 rpm, Victor, 1938.

“Acabou a sopa” (Geraldo Pereira e Augusto Garcez), Ciro Monteiro. 78 rpm, Victor, 1940.

“Acertei no milhar” (Wilson Batista e Geraldo Pereira), Moreira da Silva. 78 rpm, Odeon, 1940.

“Ando na orgia” (Bide e Marçal), Carlos Galhardo. 78 rpm, Victor, 1938.

CD **Aracy de Almeida**, coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes. São Paulo: Sesc-São Paulo, 2001.

CD **Joel de Almeida**, coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes. São Paulo: Sesc-São Paulo, 2001.

“Emília” (Wilson Batista e Haroldo Lobo), Vassourinha. 78 rpm, Columbia, 1941.

“Inimigo do batente” (Wilson Batista e Germano Augusto), Dircinha Batista. 78 rpm, Odeon, 1940.

“Louca pela boemia” (Bide e Marçal), Gilberto Alves. 78 rpm, Odeon, 1941.

“Madalena” (Bide e Marçal), Anjos do Inferno. 78 rpm, Columbia, 1942.

“Não admito” (Ciro de Souza e Augusto Garcez), Aurora Miranda. 78 rpm, Columbia, 1942.

“No lesco-lesco” (Hanibal Cruz), Carmen Costa. 78 rpm, Victor, 1945.

“O trabalho me deu o bolo” (Moreira da Silva e João Golo), Moreira da Silva. 78 rpm, Odeon, 1939.

“Oh! Seu Oscar” (Ataulfo Alves e Wilson Batista), Ciro Monteiro. 78 rpm, Victor, 1939.

“Samba de 42” (Arnaldo Paes, Marília Batista e Henrique Batista), Arnaldo Paes. 78 rpm, Columbia, 1942.

“Sete e meia da manhã” (Pedro Caetano e Claudionor Cruz), Dircinha Batista. 78 rpm, Continental, 1945.

“Tenha pena de mim” (Babaú e Ciro de Souza), Aracy de Almeida. 78 rpm, Victor, 1937.

“Trabalhar, eu não” (Almeidinha), Joel de Almeida. 78 rpm, Odeon, 1946.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 2, 6, 43, 158, 160, 213, 223, 225

C

Cinema 43, 44, 49, 52, 62, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222

Conto 24, 25, 28, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Coral 31, 130, 131, 160, 176, 201, 205, 206

D

Discurso 9, 20, 40, 44, 47, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 90, 95, 99, 105, 106, 107, 108, 129, 135, 136, 140, 157, 161, 207

E

Empoderamento 14, 15, 26, 27

Estado novo 129

Etnografia 8, 111, 113, 121

I

Identidade 1, 10, 13, 18, 24, 25, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 77, 84, 90, 105, 106, 214, 228, 233, 238

Imigração 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61

K

KPOP 233

L

Letras 2, 49, 50, 75, 76, 91, 100, 120, 121, 132, 135, 141, 158, 208, 223, 224, 226, 228, 233, 238

Linguística 2, 9, 79, 88, 158, 183, 192, 210, 235, 238

Literatura 1, 2, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 24, 26, 27, 28, 29, 39, 40, 42, 43, 44, 49, 50, 53, 63, 67, 68, 75, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 109, 110, 112, 113, 114, 176, 211, 212, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 227, 231, 238

M

Mito 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110

Modelo Bennett 233, 235, 236

Mulheres 14, 15, 17, 18, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 35, 38, 39, 93, 103, 126, 136, 137, 225, 227, 229, 230, 231

Música 9, 37, 42, 43, 46, 49, 130, 131, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 174, 175, 176, 180, 182, 201, 202, 203, 205, 206, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236

Musicoterapia 211, 212, 213, 215, 216, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232

N

Neurociência 185

P

Perspectivas 2, 26, 43, 70, 160

Piano 160, 161, 162, 164, 166, 170, 171, 173, 175

Poesia 1, 7, 9, 10, 11, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 83, 87, 89, 90, 103, 109, 110, 114, 115, 117, 121

Poéticas 1, 13, 77, 80, 86

R

Romances 14, 59, 92, 95, 99

S

Saberes científicos 2

Sala de aula 40, 41, 44, 49, 208

Samba 4, 5, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 149, 150, 151, 152

Semiótica 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 92, 102

T

Teoria da inteligência multifocal 176, 178, 180, 192, 193, 200, 205, 206

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora

Ano 2020